

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS:
A COMÉDIA (PARTE II) – A COMÉDIA, IMPROVAVELMENTE
26 de Setembro de 2020

M.A.S.H. / 1970
M.A.S.H.

um filme de ROBERT ALTMAN

Realização: Robert Altman *Argumento:* Ring Lardner Jr. *a partir do romance de* Richard Hooker *Fotografia (cor):* Harold E. Stine *Som (Mono):* Bernard Freericks, John D. Stack *Montagem:* Danford B. Greene *Direcção Artística:* Arthur Lonergan, Jack Martin Smith, Michael Friedman *Música Original:* Johnny Mandel *Cenários:* Stuart A. Reiss, Walter M. Scott *Caracterização:* Les Berns, Edith Lindon, Daniel C. Striepeke *Efeitos Especiais:* L.B. Abbott, Art Cruickshank *Interpretação:* Donald Sutherland (Capitão Benjamin Franklin 'Hawkeye' Pierce), Elliott Gould (Capitão John Francis Xavier 'Trapper John' McIntyre), Tom Skerritt (Capitão Augustus Bedford 'Duke' Forrest), Sally Kellerman (Major Margaret 'Hot Lips' O'Houlihan), Robert Duvall (Major 'Frank' Burns), Roger Bowen (Tenente Coronel Henry Barmore Adlai Blake), Rene Auberjonois (Padre Mulcahy), David Arkin (Sargento Wade Douglas Vollmer), Jo Ann Pflug (Tenente Maria 'Dish' Schneider), Gary Burghoff (Walter 'Radar' O'Reilly), Fred Williamson (Capitão Oliver Harmon 'Spearchucker' Jones), Michael Murphy (Capitão Ezekiel Bradbury 'Me Lai' Marston IV), Indus Arthur (Tenente Leslie), Ken Prymus (Seidman), Bobby Troup (Gorman), Kim Atwood (Ho-Jon), Timothy Brown (Judson), etc.

Produção: 20th Century Fox, Aspen Productions, Ingo Preminger Productions (Estados Unidos, 1970) *Produtor:* Ingo Preminger *Produtor Associado:* Leon Ericksen *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, cor, 115 minutos, legendada em português *Estreia Mundial:* 25 de Janeiro de 1970, Nova Iorque *Estreia comercial em Portugal:* 17 de Setembro de 1974, no cinema Londres (Lisboa).

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

Quando M.A.S.H. estreou Robert Altman tinha 45 anos, muitos filmes e telefilmes atrás de si, ou seja, estava longe de ser um recém-chegado. No entanto, este filme foi um pouco como o primeiro, no sentido em que lhe deu o reconhecimento nos anos 70 e a possibilidade de alterar o rumo de uma carreira começada cerca de duas décadas antes. Foi na época da geração da “Nova Hollywood” que Altman conquistou em definitivo um lugar que nunca deixou de ser peculiar: Nunca foi um “alinhado” e também nunca foi um “marginal” relativamente ao sistema de Hollywood; foi protagonista de uma obra especialmente prolífera que, se passou por uma fase menos feliz nos anos 80, pelo menos, menos feliz em termos públicos, soube tomar novos fôlegos a partir da década seguinte, com o sucesso obtido por *THE PLAYER* em 1992, resistiu às circunstâncias de êxitos e fracassos, mantendo-se ininterrupta até 2006, ano em que Altman assinou o último capítulo da sua obra com *A PRAIRIE HOME COMPANION*. Dos filmes de maior notoriedade da fase inicial, ressaltaram particularmente a irreverência de M.A.S.H. com a sua sátira ao Vietname, e a interrogação às raízes americanas de *NASHVILLE* (1975), normalmente associado ao início do estilo pessoal – e muito seguido de então para cá – do modelo narrativo em mosaico, sobrepovoado por uma multiplicidade de personagens e linhas narrativas.

Mas essas são contas prestadas depois do filme desta sessão, ainda o caminho era longínquo e já o caminho era longo. Retraçado em linhas grossas, o percurso de Altman “pré-M.A.S.H.” cruza-se pela primeira vez com Hollywood em finais dos anos 40, quando, depois de ter estado alistado na Força Aérea durante a Guerra, Altman aí se instala tentando as vias da representação, do argumento e da música: em 1947, embora não seja creditado em nenhum dos dois filmes, aparece em *THE SECRET LIFE OF WALTER MITTY* de Norman Z. McLeod e escreve a história original para *CHRISTMAS EVE* de Edwin L. Marin; em 1948 é co-argumentista de *BODYGUARD* de Richard Fleisher e escreve *The Rumors are Flying* como um musical para a Broadway. A esse primeiro contacto, seguiu-se o regresso a Kansas City onde, em 1950, começou a trabalhar para a produtora Calvin Cº, lançando-

se como argumentista, montador e realizador, com trabalhos em grande parte feitos como filmes institucionais e educativos, documentários, publicidade e séries televisivas. É em 1956 que, largando a Calvin, para quem entretanto realizara *THE DELINQUENTS* (estreado no ano seguinte e considerado como um dos seus primeiros filmes de vulto), regressa a Hollywood. O bilhete de volta assumiu a forma de um convite para realizar alguns dos títulos da série televisiva *Alfred Hitchcock Presents*, a que se seguiram uma quantidade de outros episódios noutras séries televisivas. Em 1968 e 1969, assinou dois filmes para cinema, *COUNTDOWN* e *THAT COLD DAY IN THE PARK*. E depois veio *M.A.S.H.*

O argumento de *M.A.S.H.* foi-lhe proposto, através do seu agente George Litto, pelo produtor Ingo Preminger (irmão de Otto Preminger), pela Fox, depois de este o ter visto recusado por uma série de realizadores, com nomes já então tão sonantes (e tão diferentes) como Stanley Kubrick, Sidney Lumet, Sydney Pollack ou Gene Kelly. As potencialidades cinematográficas do romance original foram percebidas pelo argumentista Ringo Lardner Jr., veterano e “listado a negro” pelo senador McCarthy (que acabou por vencer o Óscar de melhor argumento, o único ganho entre os seis para os quais o filme foi nomeado). Altman não se fez rogado e tinha, como se provou, toda a razão: a estreia em Nova Iorque foi relativamente discreta, mas rapidamente seguida de sucesso, os executivos da Fox foram surpreendidos por um êxito de bilheteira que desmentiu totalmente as suas expectativas para uma produção considerada secundária, o filme foi escolhido para competição oficial em Cannes onde conquistou a Palma de Ouro, deu origem à produção de uma série televisiva que durou 12 anos, retomando a canção *Suicide is Painless* (da autoria do filho do realizador, então adolescente, que escrita para acompanhar a cena do falso funeral no filme, acabou por se tornar a sua canção de abertura e um pouco canónico *leit motiv*)... Mais do que isso, *M.A.S.H.* continua a ser um dos mais citados filmes de Altman e é seguramente um dos mais famosos filmes realizados contemporaneamente e em reacção à guerra do Vietname (o que, de resto, levou o Pentágono a proibir, na altura, a sua projecção nas bases militares).

O contexto narrativo é iludido, com a legenda inicial a situar o filme numa guerra anterior – “E então... veio a Coreia” – e a acção situa-se num hospital de campanha, um *M.A.S.H.* (*Mobile Army Surgical Hospital*, uma unidade criada para salvar a vida dos combatentes aproximando os cuidados médicos cirúrgicos da frente de combate), mas para lá dessa referência não há muitas outras indicações que contextualizem nem a época nem a guerra supostamente em questão, pelo que o seu verdadeiro horizonte é o Vietname, como claramente foi compreendido na época e depois dela.

O tom de comédia desbragada foi o escolhido por Altman para tratar o argumento que tinha em mãos, dando tanta atenção às personagens secundárias como aos protagonistas de Donald Sutherland e Elliot Gould que, no entanto, na altura, se terão queixado da falta de atenção que o realizador lhes prestava por comparação à que dedicava a outros actores, facto que não chegou a beliscar o método de trabalho de Altman nem interferiu com as suas escolhas. É que se *NASHVILLE* marca o “princípio” do estilo polifónico do realizador, os seus indícios fazem já parte de *M.A.S.H.* E assim, pela representação de um humor corrosivo e o cuidado de encenar situações verídicas, Altman construiu um filme simultaneamente recebido como uma declaração de contestação política e de afirmação de um universo pessoal, em que cabem peripécias tão irreverentes como a já aludida cena da encenação de uma morte e de um funeral – em que ao “suicida” é pregada uma partida que o “ressuscita” a si e à sua vontade de viver – e que têm lugar para subtilezas como a da alusão à última ceia no jantar que antecede a “cerimónia fúnebre”. Nunca sublinhadas, até porque, pelo contrário, o propósito de *M.A.S.H.* é o de não deixar escapar nada à irrisão. Na altura, rir seria o melhor remédio, um remédio a que Altman não se fez rogado.

Maria João Madeira